

A população acadêmica da terceira idade na Universidade de Santa Cruz do Sul

Géli Bringmann*, Mariane M. Jung*, Elli Welter**, Fabiana L. Prates***, Letícia Henz****, Lilian Rodrigues da Cruz****

Resumo

Este artigo tem como finalidade a apresentação dos resultados de uma pesquisa acadêmica realizada na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) com o propósito de investigar quais os motivos que levam pessoas com mais de sessenta anos a buscar uma graduação. A amostra foi composta de seis pessoas, que participaram da pesquisa pela composição de um grupo cujo foco consistia na promoção de um espaço de trocas e coleta de dados. Como metodologia para análise de dados, utilizou-se a *análise de conteúdo* de Bardin (1977). Entre os resultados obtidos, observamos que a visão em relação ao envelhecimento está sendo modificada, com cada vez mais idosos buscando novos projetos e resgatando velhos objetivos de vida.

Palavras-chave: Educação superior. Envelhecimento. Estudantes. Idoso. Qualidade de vida.

Introdução

Falar em universidade e terceira idade remete-nos a pensar em projetos que promovem qualidade de vida, em assistencialismo, atividades culturais, de lazer, pesquisas sobre envelhecer com saúde, colocando o idoso em um lugar de participante passivo.

O presente artigo nasceu a partir de um projeto de pesquisa que visava identificar a existência de idosos que frequentam a universidade como acadêmicos de graduação e não apenas como usuários de projetos. A vivência acadêmica das pesquisadoras identifica a presença de idosos nos cursos de graduação na Unisc.

Objetivamos, através dessa pesquisa, investigar o lugar do idoso como alguém atuante e ativo na universidade, participando não apenas como um beneficiário de projetos que possibilitem qualidade de vida, mas que busca esse

* Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

** Graduada em Administração e acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

*** Bacharel em Biblioteconomia e acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

**** Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

***** Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Pós-doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

↳ Recebido em fevereiro de 2010 – Avaliado em dezembro de 2010.

↳ doi:10.5335/rbceh.2011.014

ambiente como um construtor do próprio conhecimento, desfazendo a ideia de declínio de potencial criativo e de produção humana advindos com a idade. Isso já se nota através da existência de idosos cursando o ensino superior na Unisc.

Buscamos também identificar que na terceira idade muitas pessoas descobrem que ainda são constituídos de enorme potencial de crescimento pessoal e de capacidade para aprender, o que os estimula a buscar um diploma universitário assim como também novas metas para alcançar.

A terceira idade e envelhecer

Envelhecer é um processo natural e normal. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), o indivíduo passa a ser considerado idoso ao completar sessenta anos. É nessa fase que o sujeito vivencia o processo de envelhecimento, que nada mais é do que um conjunto de alterações físicas e psíquicas do organismo do indivíduo e sua maneira de se relacionar como seu meio social. A velhice deixa de ser vista como sinônimo de doença ou dependência de assistencialismo, passando a ser vista como um momento de renovação de potencial e de aprendizagem.

Segundo Barcelos (2002, p. 85):

[...] aqueles que envelhecem se distinguem em dois grupos: os participativos, produtivos, estão integrados ao seu meio social, não se restringem a família e os que se dedicam apenas a casa, a sua família, a seus interesses pessoais.

O autor acima traz ainda a concepção de que enquanto muitos indivíduos que já alcançaram a terceira idade se “fecham” para o novo, recolhendo-se à família e às lembranças, outros se sentem estimulados a seguir objetivos novos ou antigos, apresentando expectativas de vida, rompendo barreiras dos preconceitos, contribuindo para o aprimoramento social, criando novas possibilidades de crescimento, mantendo a integralidade com o mundo e com a sociedade. Esse grupo de pessoas que saem em busca de seus sonhos, reagindo a decadências biológicas, torna-se receptivo a novas ideias e interesses e desafiam o próprio potencial criativo, disponibilizando-se a aprender coisas novas ou simplesmente a aprofundar seu conhecimento, enriquecendo ainda mais o seu saber.

O processo de envelhecimento não pode ser generalizado como algo que ocorre de forma unânime a todos, pois, em decorrência da história de cada um, suas experiências, condições sociais e culturais, a maneira como as pessoas percebem essa fase de vida é muito diversificada. Para muitos, é tempo de recomençar, pois, com o crescimento dos filhos as preocupações financeiras diminuem, e, para aqueles que gozam de boa saúde, chegou a hora de realizar velhos sonhos, como viagens, estudos, lazer, trabalhos voluntários, fazer novas amizades etc. Embora o processo de envelhecimento seja um processo que atinge a todos, ele é individual, é ímpar a experiência pelo qual cada um passa. Envelhecer de qualquer forma é um processo que acumula sabedoria em qualquer cultura. O idoso vivenciou fatos importantes em sua

vida, sendo assim, ele é um depositário da história.

Hermany (1999) destaca, como fatores biológicos na terceira idade, o aparecimento de cabelos brancos, o enrugamento da pele, o caminhar mais lento, e, para alguns, a diminuição das atividades. Embora cada um tenha uma maneira diferente de envelhecer, os sinais se manifestam de formas e tempos diferentes. Uma pessoa aos sessenta anos pode parecer bem mais jovem que outra com idade inferior, que talvez tenha vivido maiores preocupações ou mesmo perdas em sua vida, motivos que podem acelerar ou antecipar os sinais visíveis de envelhecimento.

Os fatores psicológicos estão relacionados com a manutenção de um estado de equilíbrio na vida do idoso, podendo observar-se que, para alguns, nessa fase da vida, o desejo por procurar conhecer coisas novas tende a diminuir gradativamente, enquanto que outros encontram nessa fase um novo estímulo à criação. Nessa etapa da vida é mais comum que aconteçam perdas de pessoas próximas, o que pode afetar diretamente a motivação e o interesse por continuar ativo na sociedade, o que leva alguns idosos, em muitos casos, ao conformismo e ao isolamento.

Além das transformações psicológicas que o fator social pode acarretar no indivíduo, o envelhecimento tende a influenciar também suas relações com o meio social, o que pode afetar seu bem estar. O lugar que a sociedade estabelece de modo geral, ao idoso é de alguém passível e acomodado, sem reconhecer o potencial e sua condição de cidadão ativo na sociedade (HERMANY, 1999).

Longevidade não significa qualidade de vida. Com o crescimento da expectativa de vida a sociedade precisa se preparar tanto culturalmente, como estruturalmente e economicamente. Com a organização social que temos hoje, não estamos preparados para absorver um grande número de idosos, que de uma forma ou de outra precisam de alguns cuidados especiais ou mesmo de sustento.

Paschoal (1996) descreve que velhice é determinada pela sociedade, através de estereótipos físicos e intelectuais que definem uma pessoa como velha pelo nível econômico, quando deixa o mercado de trabalho, em nível funcional, quando começa a depender de outros para o cumprimento de suas necessidades básicas; e cronologicamente, dependendo do desenvolvimento socioeconômico da sociedade a que pertence, onde há sinais específicos que demonstram suas limitações e perdas da adaptabilidade, não estando, então, apto para o trabalho.

Segundo Salgado apud Junqueira (1998), a cultura ocidental vê a velhice de forma desvalorizada, e o próprio idoso reforça essa característica de rejeição do envelhecimento, não fazendo uma reflexão sobre si mesmo, causando um despreparo para essa fase da vida. No-vaes apud Junqueira (1998) reforça que o próprio termo “velho” não é bem aceito, sendo substituído pela expressão “terceira idade”, que, entretanto, também é carregada de uma conotação negativa, já que o terceiro é sempre pior que o segundo e o primeiro. Criam-se, então, artifícios para mascarar essa desvalorização, chamando a “terceira idade” de

“melhor idade” ou “idade do lazer”. Nesse contexto, Debert (1999) traz a expressão “pessoas de mais idade” como uma nova nomenclatura para essa faixa etária.

Há de se ter em mente que o ser humano é passível de mudanças. Pessoas vivem em constantes atualizações, seja por intermédio de seu corpo, do seu modo de vestir, de pensar, de sua maneira de ver o mundo, de se comunicar e de se relacionar. É por meio desse movimento, que o ser humano está continuamente estudando, aprendendo e vivendo. Sua capacidade de aprender é constante, assim como o é a de se adaptar a permanentes transformações.

O idoso, como todo indivíduo, precisa se sentir útil perante a sociedade e as pessoas que o rodeiam, pois assim terá condições de transmitir suas experiências e aproveitar com mais satisfação essa fase da vida.

Aspectos gerais da saúde cognitiva no envelhecimento

As diferenças individuais tornam-se mais acentuadas com a chegada do envelhecimento e as mudanças a nível cognitivo variam consideravelmente de uma pessoa para outra. Pessoas idosas saudáveis costumam manter seu nível de desempenho cognitivo estável e o déficit cognitivo desses idosos consiste apenas em lentidão leve, generalizada e perda de precisão, quando comparados com pessoas mais jovens (ARGIMON; STEIN, 2005). Todas as funções relacionadas a vocabulário, fundo de informações, realização de tarefas rotineiras e automatizadas se mantêm intactas (DAMASCENO, 1999).

Segundo Argimon e Stein (2005, p. 70), “o envolvimento com a comunidade, diferentes atividades de lazer, convívio com familiares e atividades físicas, podem atuar como fatores de proteção ao declínio cognitivo”. Outro aspecto também citado que pode contribuir para esta proteção é a escolaridade, pois em seus estudos, o autor verifica que os idosos que tinham maior nível de escolaridade conservaram um melhor resultado na avaliação de suas funções cognitivas.

No que se referem à saúde mental, as pessoas na velhice podem efetivamente continuar a adquirir novas informações e habilidades, bem como ainda são capazes de lembrar e usar bem as habilidades que já conhecem.

A inteligência de pessoas mais velhas permanece praticamente a mesma de quando elas eram mais jovens, não demonstrando qualquer perda significativa, porém, alguns problemas de saúde ou a lentidão característica da idade podem interferir no desempenho do indivíduo. Outro fator, além do físico, que também pode afetar a inteligência mais tarde é o grau de instrução. Segundo Papalis e Olds (2000, p. 513), “Não apenas a má saúde e a falta de instrução podem limitar a cognição, como também as pessoas com maior capacidade cognitiva tendem a obter melhor educação e cuidar de sua saúde”. Portanto, um treinamento e o uso constante da capacidade cognitiva durante toda a vida pode gerar uma melhoria durante o envelhecimento, pois cognição, instrução e saúde estão intimamente ligadas.

Assim como a inteligência, a memória das pessoas mais velhas normalmente apresenta um déficit que não compromete o seu desempenho diário, uma vez que pequenas medidas, como anotar compromissos e horários de medicamentos, já são suficientes para sanar os transtornos da diminuição da memória. Aqui entra a questão do senso comum, pois as pessoas já têm uma expectativa estereotipada sobre o envelhecimento e qualquer lapso de memória – que no jovem seria considerado normal – ou ato oriundo de cansaço, no velho é considerado como debilidade.

Metodologia

Para a realização da pesquisa, fizemos um levantamento entre os cursos, a fim de investigar o número de acadêmicos com sessenta anos ou mais na Universidade de Santa Cruz do Sul. A partir desse levantamento foi possível constatar que a Unisc contava com treze acadêmicos nessa faixa etária, cinco mulheres e oito homens.

Todos os sujeitos foram contatados e convidados a participar de um grupo focal e, destes, seis confirmaram presença. Através desse grupo focal proporcionamos um espaço de diálogo, permitindo que os integrantes pudessem expressar suas ideias, seus sentimentos, experiências e percepções em relação à sua vida acadêmica.

Na realização do grupo, buscamos investigar através de entrevista semiestruturada os principais motivos que levam pessoas idosas a investir em um curso acadêmico, abordando os seguintes eixos temáticos:

- motivo de ingresso no curso universitário;
- escolha do curso;
- acolhimento e relações na universidade.

No que se refere à análise dos dados dessa pesquisa, utilizou-se a *análise de conteúdo* de Bardin (1977), cujo objetivo consiste em compreender o sentido das comunicações e suas significações explícitas e/ou ocultas. Seu procedimento visa ainda obter a sistematização e a descrição dos conteúdos das mensagens, ações que permitem a inferência de conhecimentos. Foram desenvolvidas as seguintes etapas operacionais: constituição do *corpus*; leitura flutuante; composição das unidades de análise; codificação e recortes; categorização e descrição das categorias.

Foi solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aos participantes, conforme Resolução 196/96 do CNS/MS, com a devida aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob registro do protocolo número 0271.0.109.000-08 e parecer 2236/08.

Análise dos dados e discussão dos resultados

A partir do levantamento de dados realizado em todos os cursos da Unisc, constatou-se, então, que há, na universidade, 13 acadêmicos na faixa etária a qual se dedica este estudo. Desses, um cursa Administração, um cursa História, três cursam Direito, um Economia, três Psicologia, um Turismo, um Ciências Contábeis, um Engenharia e um cursa Geografia.

Segundo dados do Ministério de Educação e Cultura (PEREIRA, 2008), o curso mais procurado por esta faixa etária de idade é o curso de Direito, e o curso de Psicologia aparece em quarto lugar no ranking dos dez mais procurados, o que é comprovado pela nossa pesquisa, uma vez que Direito e Psicologia aparecem com igual número de matriculados. Um dos motivos que levaria as pessoas a procurarem estes cursos, além de outros, como Administração de Empresas, é a busca por uma formação que lhes permita trabalhar por conta própria, sem necessidade de vínculo formal com nenhuma empresa.

A partir da transcrição do grupo focal e após a leitura flutuante das falas, conseguimos destacar seis categorias de análise: os motivos que levaram os pesquisados a ingressar na universidade, os motivos da escolha do curso, como foi a inserção e as relações dentro da universidade, como é a visão de cada um a respeito do envelhecimento, o que o curso de graduação está proporcionando e a satisfação em relação à escolha do curso.

Nas falas dos pesquisados percebe-se que os motivos que levaram à escolha dos cursos são variados, sendo citado desde o acesso mais fácil ao curso pelo vestibular, até a vontade de uma vida inteira de trabalhar e aprender em determinada área:

“Em primeiro lugar porque dava um acesso mais fácil ao curso, porque outros cursos têm um vestibular já mais privilegiado, porque tinha menos candidatos. Em segundo lugar por que eu a vida inteira fui trabalhando na área.” (L.).

“(...) como é que eu comecei no curso de psicologia, eu comecei a olhar da importância e de como as pessoas precisam de ajuda.” (R.).

Durante a realização do grupo focal, verificou-se ainda que as falas dos pesquisados remetem aos motivos que os trouxeram a cursar uma graduação, que giram principalmente em torno da ocupação do tempo, resgate de antigos projetos de vida e aquisição do conhecimento:

“Pra não fazer nada, não ficar parado no tempo e no espaço, por sugestão da minha irmã, eu vim aqui pra universidade.” (C.).

“(...) tinha que fazer aquilo ali, mas sempre com aquele objetivo, um dia eu vou parar, vou estudar e fazer tudo aquilo que eu não consegui fazer quando era jovem.” (L.).

“(...) porque eu não tô só estudando com o objetivo de voltar a trabalhar, eu tô estudando pra manter os meus conhecimentos.” (R.).

Baseado no texto de Debert (1999), é possível observar que esta visão relatada pelos participantes da pesquisa é uma tendência contemporânea de rever o processo de envelhecimento, apresentando a velhice, então, como uma oportunidade de realizar projetos abandonados em outras etapas da vida.

Investigamos também, como foi a inserção deles na universidade, a receptividade dos mais jovens e como estão sendo as relações deles com os outros alunos. Nesse sentido, suas falas demonstram certa dificuldade de convivência, apesar de alguns dizerem que se sentem bem no meio dos jovens, a maioria fala em problemas na inserção e adaptação:

“(...) quando cheguei aqui, eu cheguei como se tivesse pisando em ovos, com cuidado, tive medo”. (C.).

“(...) apesar de que eu estive trabalhando muito sozinho assim na Unisc (...)” (R.).

“(...) eu tinha uma desconfiança, será que eu vou me acertar no meio daquela gurizada. (...) mas agora eu estou acostumado, eu não tenho vergonha. (...) no fim eu me enturmei. (...)” (L.).

“Eu aqui convivendo com esses jovens, eu me sinto bem (...)” (R.).

“(...) eu também estava em dúvida quando cheguei na Universidade. (...) vai ser difícil S. e aí eu vi que não foram eles que se adaptaram ao S. e sim, eu me adaptei a eles” (S.).

Já em relação ao processo de envelhecimento, é possível verificar que os indivíduos pesquisados acreditam que o envelhecimento está ligado ao fato de estarem ou não parados, que a situação de estarem aprendendo torna-os mais ativos e mais inseridos na sociedade.

Necessário concordar com Junqueira (1998, p. 23) quando afirma que “Na visão tradicional o envelhecimento é considerado em termos de perdas, mas na concepção emergente de desenvolvimento este comporta ganhos e perdas simultaneamente”. Nessa perspectiva, percebeu-se, com este estudo, que os ganhos aparecem mais que as perdas e que essa idade pode, sim, proporcionar novos projetos e novos objetivos de vida:

“(...) a pessoa fica velha quando não quer aprender mais. Eu gravei isso, o cara quando para já tá idoso.” (L.).

“(...) uma das coisas que mais traz qualidade de vida pro idoso na terceira idade é o conhecimento.” (R.).

Relevante destacar que durante o contato telefônico com os 13 alunos apontados pelo levantamento de dados, alguns não quiseram participar do grupo focal, pelo fato de não quererem assumir sua idade. Em algumas dessas falas também foi possível perceber, de alguma forma, essa negação do envelhecimento:

“(...) eu não me considero, nem falo, nem gosto de falar em idade, eu sempre vislumbro assim que é menos disso, sempre menos.” (L.).

“(...) a gente esquece que eu vou fazer 64 anos, não, eu não vou fazer 64, não tenho nem 40, entendeu? (...) porque a velhice não começa com 64, com a terceira idade, acho que ela vem dentro de cada pensamento, de cada cidadão, ela tem um tempo bem superior, pra quem está agregando diariamente, com o processo de vida.” (M.).

Outro aspecto interessante que apareceu no decorrer da pesquisa é que esta questão de “esconder” a idade partiu somente das mulheres, porém, algumas se dispuseram a conversar com as pesquisadoras em outro momento, relatando não se sentir a vontade em falar sobre sua idade em público, o que talvez implicasse o fato de ter de assumir algo que tentam esconder pelo uso de maquiagem, roupas e estilos de vida.

Canoas apud Junqueira (1998, p. 43), reafirma a negação da velhice quando diz:

Os velhos por serem discriminados muitas vezes tentam negar a própria velhice, como forma de afastá-la. Enfatizou que esta atitude torna-se perigosa porque pode aproximá-los do ridículo, pois querem igualar-se ao jovem, vestem-se ou penteiam-se sem querer mostrar que são mais moços, mas nas atitudes diante dos que tem menos idade, esforçam-se para mostrar uma alegria e dinamismo que não lhes são próprios.

Em relação ao que o ensino superior pode proporcionar aos pesquisados, estar cursando uma graduação pode trazer muito mais do que aprendizagem e conhecimento, segundo as falas dos participantes, essa oportunidade traz também a possibilidade de integração, de conhecer novas pessoas e ampliação dos laços de amizade:

“(...) porque faz muitas viagens sabe, a gente sai pra campo (...)” (S.).

“(...) nós estamos vivenciando um novo, um novo tipo projeto, de conhecer novas pessoas, principalmente pessoas acadêmicas, gente jovem e às custas desse meu curso, assim, ao realizar este sonho de entrar na academia (...)” (R.).

Quanto à satisfação em relação à escolha do curso, notamos que embora a maioria tenha identificação com o curso, em alguns casos a escolha se deu de acordo com o vínculo de trabalho e não com o que realmente a pessoa desejava:

“Eu não tô no meu curso certo, porque eu tô fazendo Economia porque dava um vínculo muito grande no meu trabalho, o conhecimento que eu já tinha, mas eu sempre queria fazer dentro da área da Medicina, Psicologia, e Parapsicologia (...) eu até pesquisei em internet.” (L.)

“(...) meu objetivo todo, 100% trabalhar na área (...)” (M.).

A velhice, na concepção dos pesquisados, parece ser percebida com elementos que denotam um determinado valor quando fazem referência a si mesmos em relação ao seu juízo de valores, tais como a forma de vida, a busca de objetivos e a participação social, tudo isso associado ao espírito, que, para todos, continua sempre jovem.

Sabe-se que o envelhecimento da população é algo que ocorre naturalmente em qualquer sociedade, e que a busca da qualidade de vida daqueles que estão em processo de envelhecimento consiste em procurar manter a autonomia e a independência, o que é uma tarefa muito difícil, pois depende de uma conquista social.

Segundo Veras (1995, p. 15), “a sociedade ocidental contemporânea tende a desqualificar o idoso, seu saber e acúmulo de experiências. Vivemos num mundo que cultua o ‘jovem’ como valor de produção e consumo, um mundo de rápidas transformações em que tudo que é ‘velho’ é obsoleto e ultrapassado”.

Uma das questões é qual o lugar que a terceira idade ocupa na sociedade. O idoso para garantir o seu papel social e ter a vantagem do reconhecimento de sua subjetividade, deveria superar a sua condição de perdedor, podendo, assim, relacionar-se com perspectivas mais positivas em relação ao futuro.

Conclusão

A partir desta pesquisa, compreende-se que as várias mudanças que normalmente ocorrem na velhice não precisam ser necessariamente fases de declínio, decadência cognitiva e de perdas das condições de vida, mas devem compor uma fase natural que faz parte da condição de vida do ser humano. É um período propício com possibilidades de renovação, mudanças e realizações.

Nota-se, pelas manifestações dos pesquisados, que há grande motivação e força de vontade em relação ao cursar

uma graduação para satisfação de antigos sonhos, bem como para fazer desse momento de suas vidas uma nova fase, para serem criativos, capazes de realizarem uma série de atividades novas e atraentes.

Outro aspecto que pode ser percebido frequentemente em suas falas refere-se à qualidade de vida que todos almejam ou ao desejo de viver com dignidade, segurança e independência essa fase de vida chamada velhice, sem passar despercebidos pela sociedade.

Observou-se, pelo estudo, uma crescente movimentação em direção à conquista de um espaço maior em prol de idosos, com a tendência desses irem em busca de seus próprios direitos e objetivos, principalmente no acesso à educação superior.

A referida pesquisa quer propiciar espaços e oportunidades para discussão em favor da educação, promoção, integração e da participação dos idosos na vida social ativa. Essa oportunidade educacional trará ganhos evolutivos na velhice, pois intensificam os contatos sociais, a troca de vivências, de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal.

Na sua maioria, os pesquisados concordam em dizer que a educação, ou seja, o conhecimento, é um poderoso determinante de uma velhice bem sucedida. No entanto, sabe-se que o bem-estar também depende das condições sociais e dos valores que são agregados ao longo da vida, contribuindo para a diminuição da dependência dos idosos, beneficiando seu bem-estar físico, biopsicossocial e espiritual.

The academic population of the third age in the University of Santa Cruz do Sul

Abstract

This article aims to present the results of academic research in the University of Santa Cruz do Sul (UNISC) to investigate the reasons that lead people over sixty years to pursue a degree. The sample consisted of six people who participated in the survey by conducting a focus group aimed at promoting a space of exchange and data collection. The methodology used for data analysis was content analysis of Bardin (1977). Among the results, we observed that the vision for aging is being changed, with more older people seeking new projects and rescuing old life goals.

Keywords: Aged. Aging. Higher education. Quality of life. Students.

Referências

- ARGIMON, I. I. L.; STEIN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 64-72, jan./fev. 2005.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- COSTA, E. M. S. *Gerontodrama: a velhice em cena – estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade*. São Paulo: Ágora, 1998.
- DAMASCENO, B. P. Envelhecimento cerebral: o problema dos limites entre o normal e o patológico. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 78-83, 1999.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.

HERMANY, A. E. S. *Terceira idade: motivos que aproximam grupos de convivência*. 1999. [s. f.]. Monografia (Graduação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 1999.

JUNQUEIRA, E. D. S. *Velho. E, por que não?* Bauru: EDUSC, 1998.

PAPALIS, D.; OLDS, S. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Atmed, 2000.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO M, et al. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 1996, p. 26-43.

PEREIRA, C. Veteranos se tornam calouros. *Vêja*, São Paulo, v. 41, n. 2068, p. 96-97, abr. 2008.

VERAS, R. P. *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Dumara, 1995.